

**Amazonidades em Inglês de Souza: a literatura vai à escola**

**Amazonidades en inglés de Souza: la literatura va a la escuela**

Amanda Pereira Nunes  
Universidade do Estado do Pará – UEPA  
Belém /PA - Brasil  
Monise Campos Saldanha  
Universidade do Estado do Pará – UEPA  
Belém /PA - Brasil

**RESUMO**

O artigo proposto, apresenta um recorte referente à experiência de pesquisa desenvolvida para Trabalho de Conclusão do Curso de Letras, na qual, foram abordados estudos como o ensino de língua materna, Literatura amazônica e Educação Sensível, fundamentada nos autores: Candido (2011); Silva (2007); Loureiro (2000); Pinheiro (2006) para citar alguns. Para tanto, trazemos nesta proposta, breves considerações que evidenciam tal experiência desenvolvida com alunos do 2º ano do Ensino Médio, de uma escola pública estadual do município de Abaetetuba/PA. O Objetivo é demonstrar a inserção da literatura sob vários aspectos de abordagem, por meio de investigação realizada a partir de entrevistas e questionários semiestruturados como recursos metodológicos à luz da obra do autor Inglês de Sousa. Os resultados são expostos durante a escritura deste estudo, na intenção de traçar um possível diálogo entre as teorias que constituem o referencial teórico e a pesquisa de campo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Língua. Literatura. Amazonidades.

**RESUMEN**

El artículo propuesto presenta un extracto referente a la experiencia de investigación desarrollada para el Trabajo Final del Curso de Literatura, en la que se abordaron estudios como la enseñanza de la lengua materna, la Literatura Amazónica y la Educación Sensible, a partir de los autores: Cándido (2011); Silva (2007); Loureiro (2000); Pinheiro (2006), por nombrar algunos. Para ello, traemos en esta propuesta, breves consideraciones que evidencian dicha experiencia desarrollada con estudiantes de 2º año de Bachillerato, de una escuela pública estatal de la ciudad de Abaetetuba / PA. El objetivo es demostrar la inserción de la literatura bajo diversos aspectos de abordaje, a través de investigaciones realizadas a partir de entrevistas y cuestionarios semiestruturados como recursos metodológicos a la luz del trabajo del autor inglés de Sousa. Los resultados se exponen durante la redacción de este estudio, con la intención de trazar un posible diálogo entre las teorías que constituyen el marco teórico y la investigación de campo.

**PALABRAS CLAVE:** Educación. Lengua. Literatura. Amazonidades.

## **Introdução**

O presente artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Universidade Estadual do Pará, como requisito avaliativo. Enquanto recorte do todo que foi o TCC, traz o amálgama entre língua e literatura. O ensino de Língua Portuguesa através da obra de Marco Herculano Inglês de Sousa (2012), a saber: “Contos Amazônicos”, de cunho naturalista, em que se ressaltam mitos e lendas do povo que vive entre a mata e as beiras dos rios, furos e igarapés.

Nesse sentido, explicamos o termo amazonidades, aqui apresentado como “adjetivações historicamente cunhadas para identificar populações de tradições orais/rurais, filhas das mesclas multiétnicas, habitantes do amplo e plural mundo amazônico” (PACHECO, 2011, p.43). Expressão cunhada entre “Literatura e Sociedade”, enfatiza Antonio Candido (2006) para definir a produção literária, como um espelho a refletir a sociedade e seus paradoxos.

No demais, sociedade e cultura navegam no rio da linguagem amazônica, onde moram os encantados da teogonia cabocla cujas manifestações se tornam uma espécie de “expressão simbólica do sentimento” (PAES LOREIRO, 1997, p.19). Encantaria da linguagem manuseada por Inglês de Sousa (2010) e, que despertou o interesse dos proponentes desta investigação. Entre a mata e o rio traçam-se caminhos para uma educação em língua materna permeada pela literatura. Momento em que as aulas de Português tomam como pretexto os “Contos Amazônicos” e, assim, delineamos o Objetivo Geral da pesquisa, a saber: verificar de que forma ocorre o ensino de língua materna, por meio da literatura amazônica contida nos contos de Inglês de Sousa.

Ação somente possível, pelos objetivos específicos: 1) Identificar as confluências entre Literatura e ensino de Língua Materna, presentes nos Contos Amazônicos. 2) Descrever de que forma acontece o ensino de língua materna na perspectiva da literatura de expressão amazônica. 3) Contribuir com a valorização de saberes de grupos socialmente desfavorecidos.

De tal modo, a metodologia perfaz a pesquisa exploratória, mediada pela revisão bibliográfica, atrelada à pesquisa de campo, efetivada por meio de entrevista e questionário semiestruturado, cujos respaldos teóricos estão em Lakatos e Marconi (2003).

### **Inglês de Sousa: Um autor, muitas obras**

Herculano Marcos Inglês de Sousa, nasceu em 28 de dezembro de 1853, na cidade de Óbidos, no Pará, tendo por seus genitores o desembargador Marcos Antônio Rodrigues de Sousa e de dona Henriqueta Amália de Góis Brito Inglês. Em 1864, seguiu para o Maranhão, para continuar e completar os primeiros estudos no colégio de Sotero dos Reis.

Três anos depois, vai para o colégio Perseverança - casa de ensino secundário no Rio de Janeiro, onde estuda em regime de internato. Em 1870, segue para o Recife-PE, onde se matricula na faculdade de Direito. Pouco depois, revê sua família em época de férias quando, pela última vez, visita a Amazônia.

Em 1875, quando cursava o quarto ano da faculdade, escreve “O cacaulista” que será publicado no ano seguinte, em Santos. Em 1876, publica “Cenas da vida do Amazonas: história de um pescador”. E no ano seguinte, publica o romance “O coronel sangrado”, em Santos. Nessa época, utiliza o pseudônimo de Luís Dolzani, para publicar suas obras. Em 1891, publica “O missionário”, que havia sido escrito em 1888. Em 1896, participa como membro fundador da Academia Brasileira de Letras. E, em 1893, publica sua última obra, “Contos amazônicos”, na cidade do Rio de Janeiro.

Observando as produções do mencionado autor, verifica-se que há embates entre muitos elementos, às vezes, antagônicos da vida amazônica, conforme pontua Corrêa (2014) ao explicar que tal obra seria uma espécie de documento social, fixando aspectos variados da Amazônia. Em “Contos amazônicos”, encontramos nove contos: O voluntário, A feiticeira, Amor de Maria, Acauã, O donativo do capitão Silvestre, O gado do valha-me Deus, O baile do judeu, A quadrilha de Jacó Patacho e O rebelde.

Todos os contos ocorrem no Pará, em cidades do interior. Apesar de pertencer a uma família tradicional e ter vivido uma realidade diferente da que narra em suas obras, Inglês de Sousa descreve traços importantes dos habitantes da região. A esse respeito, Corrêa (2014), afirma que o escritor deve ser lido por quem deseja se debruçar sobre a cultura Amazônica, lendo com devida atenção as personagens ali descritas, como: feiticeiras, pessoas que viram pássaros, quadrilhas, índios, imigrantes portugueses, tapuios, rebeldes, todos a compor o universo amazônico.

Cabe enfatizar que dentre os mitos retratados, optamos em trabalhar o “Acauã”, um pássaro que dizem ter um canto de agouro, mas, que, na verdade, é uma mulher enfeitiçada. E ainda, o conto “O Voluntário”, que narra o maior conflito armado na América do Sul, entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Uruguai e Argentina. O conto evidencia o poder de quem tem mais, sobre quem tem menos, refletido na personagem principal, Pedro, que é convocado e obrigado a lutar na guerra.

Nas narrativas supracitadas encontramos os traços do naturalismo de Inglês de Souza, primeiros influxos da nova estética no Estado do Pará, com a particularidade de o enfoque principal recair sobre o interior, e não sobre a capital, Belém. Isso, informa Corrêa (2014), seria a base do Naturalismo, o cientificismo. Então, como pode o autor naturalista falar tanto sobre o sobrenatural? Com certeza, não podemos esquecer que o autor tinha o

intuito de retratar seu lugar de origem e, para tal, seria necessário abordar as lendas e mitos, mesmo que não se tenha crenças sobre elas. O objetivo era retratar ainda o comportamento humano da região, compreendê-lo e “resgatar” a memória nacional através da ficção.

Assim, o homem ribeirinho, é descrito como aquele que vive à margem dos rios em casas de palafita. A vida bucólica desses habitantes se torna um dos pontos fortes do livro. Apesar de contrariar um pouco a estética naturalista, Inglês retrata o homem amazônico e seu comportamento de forma clara e concisa. Assim, a literatura produzida por este autor constituir-se-ia num recurso fomentador da aprendizagem a favor do docente ao retratar a realidade comum àqueles estudantes do interior do Pará. Em relação ao ensino da língua portuguesa, os contos de Inglês de Souza, podem ser o exemplo rico deste limiar, entre a língua escrita e a língua falada, ou seja, aprende-se a norma culta, sem distanciar-se do cotidiano vivenciado pelos docentes. Diferentes modalidades da língua são contempladas e, devidamente estudadas em suas implicações de uso.

Dessa maneira, aprender a linguagem escrita na escola, seria também entender elos da oralidade e, perceber que escrita e fala são faces de um mesmo contínuo linguístico – o Português –, e são modalidades da língua utilizados em âmbitos distintos; mas todos com a mesma importância. Neste caso, a literatura como expressão de dada realidade pode servir ricamente como recurso para compreensão de aspectos linguísticos na Amazônia.

### **Contos amazônicos em sala de aula**

O imaginário amazônico nos transporta para um mundo mágico em que a realidade e a fantasia se misturam. Nesse universo, são contadas histórias com grande veracidade, as narrativas, neste caso, são interessantes aos leitores desta região porque há uma identificação com o cotidiano por eles vivenciado. Pois, como afirma Corrêa (2014, p. 51) ao parafrasear Aristóteles, a literatura “trata das coisas universais” e a história “cuida do particular”; dado o fenômeno da verossimilhança peculiar àquela.

Neste contexto, “Os Contos Amazônicos” apresentam um potencial didático para ser trabalhado em sala de aula, sobretudo na disciplina de Língua Portuguesa; momento em que os alunos irão conhecer os gêneros literários e suas possíveis relações com as histórias vividas por pescadores e ribeirinhos; como explica Candido (2006), ao enfatizar que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre.

Entre os amazônidas é comum ouvir relatos sobre o boto sedutor de mocinhas inocentes, a Matinta e seus assovios agourentos. E a cobra grande, que está em cada parte dessa região. São mistérios escamoteados entre a floresta e o rio que tratam das peculiaridades socioculturais de um povo. Para entendê-los se faz necessário “viajar” no imaginário amazônico, conforme explicita Fares (2013, p.04) “O imaginário é uma construção humana tão real quanto qualquer outra palpável, e a cultura se constrói pelas manifestações materiais e imateriais, pelas leituras objetivas e subjetivas do mundo”.

Contudo, compreender a literatura da Amazônia corresponde reconhecê-la como fenômeno da cultura, patrimônio imaterial de um povo. E, para tanto, vivenciá-la sob vários aspectos nos permite a construção de cidadania, identidade, além de sua perpetuação no tempo. É um processo que envolve a sociedade, artistas de todos os gêneros e interesses políticos. No trabalho desenvolvido por Josebel Akel Fares (2013) é defendida a razão da inserção dessa literatura no ambiente escolar, pois:

Essa literatura é constituída, em alguns de seus aspectos temáticos, por representações de lugares, entre o rio e a floresta, e pelo rico imaginário, então, reafirmo a necessidade de aproximar nossos alunos ao contexto em que vivem e isto pode se dar por meio de diferentes inserções curriculares, entre elas artística literária (FARES, 2013, p.12).

No demais, depois da família, um dos primeiros contatos da criança com a cultura, ocorre na escola e, se a unidade educativa não dispõe de meios para a valorização e preservação essa mesma cultura fica comprometida, o que a torna vulnerável podendo ser até esquecida. A esse respeito, Fares (2013) afirma encontrar uma necessidade de romper duas barreiras muito fortes na área literária. A primeira refere-se ao leitor, que desde o surgimento da crítica literária sempre foi deixado de lado, e começa a ser recuperado pela Estética da Recepção, que considera, como o nome já indica, a experiência estética – a vivência dos sujeitos envolvidos com a leitura. A segunda diz respeito ao desconhecimento e ao desprestígio da literatura de expressão amazônica, tanto em nível regional quanto em nível nacional; a certeza da qualidade estética dessa produção feita de grandes autores e grandes obras e a necessidade de sua valorização.

Desse modo, o ambiente favorável para que a memória, presente nas narrativas Amazônicas seja, plenamente, entendida como um patrimônio de um povo, é a escola. É na escola, como primeiro espaço social, que a prática daquilo que a criança ouve e vê acontece. Dessa maneira, destaca-se que o que se vivencia na infância marca de modo determinante

homens e mulheres em sua constituição; daí, que a experiência estética por meio da literatura pode gerar um complexo de aprendizados extremamente benéficos para os sujeitos.

Como efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto de felicidade. Do mesmo modo, sabemos que a constituição neuroglandular e as primeiras experiências da infância traçam o rumo do nosso modo de ser (CANDIDO, 2006, p.21).

Assim, em consonância com o exposto acima, Fares (2013) defende a inserção de textos da Literatura Oral em aulas de diversas disciplinas, pois o texto oral precede o escrito, sendo o primeiro com o qual a criança irá ter contato. Desse modo, lendas e mitos compõe o bojo da aprendizagem, os quais estariam expressos nos “Contos Amazônicos” e, não os utilizar em sala de aula resultaria em uma lacuna na formação do estudante, posto que priva o aluno de enxergar-se na literatura produzida em sua região e, conseqüentemente, das reflexões e processos de aprendizagem advindos desta experiência; distanciada, desse modo, a educação da prática social, pois:

Por outro lado, defende-se que impedir a entrada do material oral ou bani-lo das salas de aula é desconhecer a realidade do Brasil. O primeiro contato da criança é com o texto oral e os países da América Latina são plenos de relatos mágicos e fantásticos, que, inclusive, os constituem culturalmente... As poéticas orais fazem parte do universo cultural dos discentes, sobretudo os moradores da zona rural do Brasil, das zonas periféricas das grandes cidades, e os que (con)viveram nesses territórios ou com seus habitantes. Trazer esta realidade para o sistema de ensino, estabelecer relações de trocas simbólicas é um dos sentidos da educação (FARES, 2013, p. 84).

Dessa maneira, depreende-se ainda que o primeiro contato da criança com a cultura presente em seu meio social ocorre na família, mas é na escola que isso será “potencializado” e, se neste espaço ela não tiver contato com tal material sua educação ficará comprometida, pois a criança irá partir do pressuposto de que sua cultura “não existe”, ou não faz parte do mundo circundante, o que contribui para a vulnerabilidade e/ou perda de valores culturais, ou ainda para o esquecimento desta.

Fares (2013, p. 85) também expõem duas problemáticas que configuram a ausência da literatura de expressão Amazônica na escola, “o primeiro refere-se ao ensino da literatura nos currículos, o que implica uma análise dos PCNs e o segundo, ao lugar que os saberes

literários da Amazônia ocupam no currículo das escolas da região”. Sendo assim, quando se observa a ausência dessa literatura no currículo escolar e não se prioriza a importância dos saberes culturais que a literatura de expressão amazônica traz aos habitantes dessa região, deixamos de discuti-la, priorizá-la, incluí-la.

Estamos, então, a borda com as literaturas que admitem os adjetivos infantil, oral, popular e regional, africana, indígena, feminina, de testemunho, entre muitas outras. E, muitos de nós, professores de literatura, além dos autores de livros didáticos, desconhecemos essas literaturas e por isso não temos como estabelecer diálogos intertextuais, não podemos considerar as diferenças, as heterogeneidades culturais brasileiras (FARES, 2013, p. 83).

Logo, para compreender a literatura amazônica é necessário a vivência de uma identidade cultural local, comunitária, conservada e transmitida ao longo tempo. Isso pode ocorrer de maneira natural quando esta é apresentada muito cedo para a criança, a riqueza de sua cultura: hábitos, arte, literatura, fala, um modo de ser, que de alguma maneira, já foi vivenciado por seus antepassados.

No interior da Amazônia, a memória individual e comunitária, nasce às margens dos rios e na floresta. Na obra “Contos Amazônicos”, de Inglês de Souza, todos os elementos narrados fazem referência a esse ambiente, o que causa identificação aos leitores/ouvintes. Permeada pelo elemento mítico, tais narrativas, ao serem estudadas na escola apresenta aos alunos conhecimentos genuínos de sua própria história, como bem exposto a seguir:

O mito, a lenda e o caso, como ainda se costuma titular o repertório oral, é matéria vinda das raízes populares, ou seja, produção das classes mais pobres, muitas vezes, analfabetas ou semianalfabetas, e a “literatura” sempre se aproximou do saber erudito, escolarizado, daí que essas formas orais sempre foram muito mais objeto dos antropólogos e dos folcloristas do que dos profissionais das Letras. Assim, sem o reconhecimento da importância do estudo, o tema poderá até pertencer às conversas informais, contudo não ultrapassará este umbral. É necessário atentar que desqualificar este objeto é desconsiderá-lo como texto fundador, a origem de todos os outros, é desclassificar obras literárias como a *Ilíada*, a *Odisséia*, e a *Teogonia*, por exemplo. Negá-las é desconhecer as formalizações dos processos de construção; é desconsiderar os estudos situados entre a letra e a voz, como os da literatura medieval (FARES, 2013, p.84)

Para trabalhar com “Contos Amazônicos” em sala é necessário, a priori, observar os acontecimentos por de trás das narrativas e sua representação para essa sociedade. Os significados, o valor cultural, a linguagem, personagens que deles fazem parte. Os alunos

precisam compreender o significado e importância desses fenômenos para sua cultura e as releituras desses nas sociedades contemporâneas.

Desse modo, a Literatura de “expressão Amazônica, que, assim como toda literatura, é reflexo das ações sociais, pois é fruto da cultura, e, como tal, reflete tudo aquilo que está ligado ao homem e a sociedade a qual pertence” (FARES, 2013, p. 87) pode ser utilizada como pretexto para ensino de ensino de língua materna, no caso, o Português e suas variações vividas em território amazônico. Assim, conectar o que se ensina na escola com aquilo que discente vive em seu meio social, destacando informações que constituem parte da história da nossa região, bem como, ensinamentos relevantes a diversas etnias, saberes, práticas e costumes concernentes aos amazônidas.

### **Percurso metodológico da pesquisa**

As técnicas utilizadas para realização desta pesquisa percorrem um objetivo geral, seguindo cuidadoso plano de utilização, pois “a ciência é sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos, é sempre uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real” (SEVERINO, 2007, p.121).

Assim, o primeiro elo é o da pesquisa exploratória, em que se busca levantar informações a respeito de determinado objeto, delimitando, assim, um campo de trabalho, mapeando as condições e manifestação de dado objeto, no caso desta pesquisa seria a relação entre Literatura e ensino de Português, ocorrida através dos “Contos amazônicos” de Inglês de Souza, sobretudo “Acauã” e “O Voluntário”. Como ferramenta para catalogação dos dados, utilizamos questionários semiestruturados, com perguntas abertas e fechadas e, assim constituem-se em “instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito” (MARCONI & LAKATOS, 2003, p.100).

O lócus da investigação foram as imediações internas da escola estadual conveniada com a diocese, localizada na área metropolitana do município de Abaetetuba. A referida escola atua no ensino Fundamental e Médio, incluindo o Projeto Mundiar e 4ª etapa da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Ela recebe alunos da área metropolitana de Abaetetuba/PA, como das regiões das ilhas, estradas e ramais, ou até mesmo de municípios vizinhos – Barcarena, Igarapé-Miri e Moju.

A escola é de médio porte e, possui em sua dependência 24 (vinte e quatro) salas de aula todas climatizadas, 01 (uma) sala dos professores e funcionários, 02 (dois) laboratórios de informática, 01 (um) laboratório multidisciplinar, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) sala de



leitura, 01 (uma) sala de Recursos Multifuncional para atendimento a alunos especiais, 01 miniauditório para atender ao cursinho vestibular, 01 (uma) sala Multiuso, 01 (um) Auditório com capacidade para 150 pessoas, 08 (oito) escritórios divididos em sala da diretoria, sala da vice-diretoria, de serviço psicológico, 01 (um) escritório, subdividido em: sala de coordenação pedagógica, supervisão educacional, orientação educacional, sendo que estes escritórios estão todos informatizados e interligados em rede local e Internet, 01 (uma) secretaria informatizada com software de programa acadêmico, 02 (duas) quadras de Esportes, 03 (três) blocos de banheiros para os alunos e 02 (dois) para professores e funcionários, 01 (uma) cozinha, 05 (cinco) depósitos: merenda escolar, materiais didáticos, consumo e limpeza, 01 (uma) lanchonete, 01 (uma) capela, 02 (duas) áreas de recreação, corredores e estacionamento.

Os sujeitos da pesquisa foram os alunos do 2º ano do Ensino Médio, os quais compõem as turmas do 2º ano “B” e “H”; dos quais 34 alunos foram da turma “B” e 32 da turma “H”, todos na faixa etária entre de 15 a 18 anos. As turmas são compostas, em sua maioria, por meninas. Os alunos são de classe média baixa e, por ser uma escola conveniada, os estudantes desta instituição pagam uma taxa mensal para ali estudarem. Cabe informar que durante a realização da pesquisa, os professores não quiseram participar da mesma e, assim, nos detivemos aos discentes outrora caracterizados. Informamos que a seleção dos sujeitos se deu pela disponibilidade em participar da pesquisa, como ainda indicação da diretora sobre as turmas a participar.

### **Língua, Sociedade e o Ensino de Português com os Contos Amazônicos**

Conforme pontua Bagno (2004), a língua falada seria a língua natural do indivíduo, com a qual ele cresce, amadurece. Na qual ele reza, é a língua da intimidade, é ela que o sujeito utiliza no seu cotidiano; ela está em constante transformação, recebendo empréstimos, consolidando léxicos, dentre outras atividades. Por isso, não existe erro em língua natural, a não ser que haja ruídos na interlocução e o receptor não compreenda a mensagem do emissor.

Todavia, ao entrar na escola, o sujeito irá adquirir outra língua; isto é, outro aspecto de sua língua materna. Na escola, o aluno irá se defrontar com normas e regras que pouco expressam a dinamicidade da língua materna. Assim, caso os elos culturais dessa língua não sejam bem trabalhados, o aluno poderá sofrer consequências disso, em meio a preconceitos linguísticos, que podem criar situações em que, quem fala “certo” é bem visto e acolhido

pela comunidade escolar, e quem fala “errado” é excluído. Dentre outras inúmeras ocorrências conflituosas e negativas relacionadas a questões voltadas ao aprendizado da língua e as implicações entre o que se fala e como se fala e o que se escreve e como se escreve.

Sendo assim, a partir das explanações elencadas ao longo do texto, informa-se que este é momento em que serão analisadas as perguntas endereçadas aos alunos a partir do tema: Língua, sociedade e Ensino de Português, direcionadas aos alunos do 2º ano do Ensino Médio; os questionários perfizeram 100% do corpus da pesquisa; informamos, ainda que, pela ética em pesquisa com humanos, não iremos divulgar o nome dos sujeitos, apenas aspectos pertinentes a investigação.

Na ocasião, advertimos também que os questionários que viabilizaram a pesquisa e estavam direcionados aos alunos tiveram perguntas vetadas pela direção da escola. Das 10 perguntas elaboradas pelos proponentes da pesquisa, apenas 04 foram liberadas para compor o questionário semiestruturado aplicados com os alunos. A justificativa que a direção da escola concedeu apoia-se no fato de a unidade encontrar-se em reestruturação da grade curricular, ainda em processo de elaboração de atividades integradas entre as aulas de Português, Artes, Literatura e demais disciplinas que compõem o bojo do que os PCNs denominam de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Sendo assim, utilizamos no *locus* da pesquisa 62 questionários, com perguntas abertas e fechadas, voltadas aos discentes, dos quais 62 foram respondidos, perfazendo um total de 100% do *corpus* da pesquisa. Para iniciar a investigação, interrogamos: 1. Você conhece a obra “Contos Amazônicos” de Inglês de Sousa? Dos questionários aplicados 11 responderam que SIM. Já 51 respondeu que NÃO.

As informações obtidas via questionamento número 01, permitiu inferirmos que grande parcela dos alunos não conhece a obra “Contos Amazônicos”, estes relataram ter realizado trabalhos em sala no ano anterior, mas com outros livros, nenhum referente a obra de Inglês de Sousa; já a parcela menor de alunos, a que afirma conhecer a produção em questão, relatara ter tido essa experiência em outras escolas que haviam estudado, como ainda em séries anteriores, em aulas de Literatura e/ou artes, ou ainda no dia do folclore.

Assim, para homogeneizar os conhecimentos das turmas da pesquisa, quanto aos “Contos Amazônicos”, fizemos uma leitura dos contos “Acauã” e “O voluntário”. Como o primeiro conto possui apenas 10 laudas e o segundo 17, optamos por realizar uma espécie de contação de história. A estratégia serviu tanto para sanamos a falta de conhecimento dos alunos, contribuindo com as aulas de Língua Portuguesa e Literatura, como também para amenizar um problema que poderia dificultar a continuidade da pesquisa. Assim, ao

prosseguirmos com a investigação, perguntamos: 2. Na sua opinião, a literatura pode ser utilizada como pretexto para ensino do Português? Dos 62 questionários aplicados 55 responderam que SIM. Já 07 respondeu que NÃO.

As informações obtidas por meio do questionamento número 02, do questionário que viabilizou a pesquisa, nos leva a inferir que há uma pequena parcela de alunos que não acredita ser a literatura pretexto para as aulas de Português. Estes justificavam suas respostas afirmando que a literatura apenas veicula fatos da história, vinculando-os às escolas literárias e seu contexto histórico. As discussões revelam uma das faces limitantes da aprendizagem discente em Literatura: o ensino fragmentado da mesma, ou mesmo descontextualizado. Ação que dificulta o entendimento amplo do conceito de literatura; e faz de seu estudo algo “parcelado”, afastado do estudo da língua portuguesa, sem inferências ou interfaces com os demais elos desta. Na contra mão dos acontecimentos, outra parcela dos alunos, a maioria, disse entender e acreditar em um ensino de Português interdisciplinar, ou seja, com base nos fatos/livros de Literatura, posto ser ela uma das possibilidades da abordagem das múltiplas habilidades/conhecimentos tão solicitada nos exames de vestibulares.

Na sequência da pesquisa, questionamos: 3. Você acredita que a utilização de textos que aproximem o aluno de sua realidade interfere, de maneira positiva, no processo ensino-aprendizagem? Dos 62 questionários aplicados 47 responderam que SIM. Já 15 respondeu que NÃO.

Por meio das informações obtidas, através da pergunta de número 03 do questionário, em que a parcela maior dos alunos afirma que sim: a utilização de textos literários aproxima o aluno de sua realidade e interfere, de maneira positiva, no processo ensino-aprendizagem dos mesmos. Destacamos que, ao justificar sua resposta, os estudantes enfatizaram que os textos literários de expressão amazônica são o elo a desvelar traços de sua cultura presentes em diversos outros textos (artigos, histórias, comerciais de TV, filmes, jornais), e ao lerem esses textos se sentem contemplados/representados; sobretudo nos aspectos linguísticos, nos hábitos culturais, alimentares, cotidianos, entre outros. O contrário ocorreu com os 15 discentes que responderam não. Todavia, estes alegam que não se encontram representados, por, supostamente, haver um distanciamento entre a realidade e o fato literário, isto é, entre o cotidiano dos fatos e a obra de ficção literária.

Finalizando a pesquisa com os discentes, indagamos: 4. Nas aulas de Português são utilizados textos da literatura de expressão Amazônica? Dos 62 questionários aplicados 57 responderam que SIM. Já 05 respondeu que NÃO.

Por meio das informações obtidas, através da pergunta número 03, do questionário, chegamos a uma informação interessante, posto que 57 alunos disseram sim, que nas aulas de Português são estudados textos da literatura de expressão amazônica. Ao serem questionados sobre estes textos, afirmaram ser em sua maioria: poemas, dado curioso, que já renderia outro estudo. Por que os professores trabalhariam apenas com poemas de autores paraenses e não com outros gêneros literários nas aulas de Língua Portuguesa? Fica a interrogação para um próximo estudo.

Assim, seja como prática social de leitura, de compreensão de texto ou mesmo para desenvolvimento do raciocínio lógico discente, como ainda da internalização de normas e regras da língua escrita, o texto literário, sobretudo o de cunho amazônico, tem muito a contribuir com os processos sistêmicos no ensino do Português; sendo este, expressão da rede socio simbólica tecida pela cultura em que o signo linguístico é o alinhavo da comunicação e do conhecimento.

### **Considerações finais**

O término da pesquisa de campo e, respectiva aplicação do questionário, revelou uma faceta, no mínimo interessante do processo ensino-aprendizagem da Língua portuguesa, a saber: literatura e ensino de língua não deveriam ocorrer de forma apartadas, uma deveria subsidiar a outra para que o aluno possa ter uma compreensão ampla dos processos da construção comunicativa da escrita. Entendendo que aprender Português é saber utilizar o código linguístico em diferentes contextos e situações de comunicação. Percebendo que, para cada um deles é preciso desenvolver habilidades e competências específicas, isto é, utilizar com proficiência os elos orais e escrito dentro de códigos sociais.

Todavia, como conseguir desenvolver tais competências e habilidades conhecendo apenas parte do processo linguístico, as normas e regras gramaticais? Sem entender que a literatura reflete as normas, as regras, aspectos semânticos, lexicais, do imaginário e, outros que enriquecem e constituem o universo linguístico daquele que fala, escreve e lê.

Pelo exposto, ao findarmos a pesquisa, alcançamos o objetivo geral que fora o de verificar de que forma ocorre o ensino de língua materna, por meio da literatura de expressão amazônica contida nos contos de Inglês de Sousa. Assim, informamos que o ensino mediado pelos Contos do autor acima mencionado, facilita uma gama de compreensões de cunho sociocultural e histórico, além do linguístico.

No demais, como não há comunicação produzida que não seja realizada através de algum gênero textual, um pressuposto valioso para o ensino de língua é apresentar aos alunos, preferencialmente e com grande frequência, gêneros que estejam mais próximos a sua realidade. Logo, trabalhar com a literatura de expressão amazônica como suporte as aulas de português é empoderar os alunos, pois a língua é um meio com o qual o homem pode marcar presença na sociedade como sujeito ativo, defender-se, impor-se, lutar pela cidadania, incluir-se socialmente pela via da negociação, da interação social, sendo o texto, neste caso, o lugar da interação (KOCH, 2006). Portanto, a Literatura como fenômeno que se dá graças a existência de uma Língua, não pode ser apartada das aulas de língua portuguesa. Como já mencionado ao longo deste artigo o código linguístico e a criação literária refletem um ao outro dentro de complexos processos de criação e efetivação do sujeito no mundo.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: Língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CORRÊA, Paulo Maués. **Inglês de Sousa em todas as letras** – Belém: Paka-tatu, 2014.
- FARES, Josebel Akel. **O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola** – Belém: Revista Cocar, 2013.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A Poesia como Encantaria da Linguagem**. Belém: Cejup, 1997.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4ªed. São Paulo: Cortez, 2003.
- PACHECO, Agenor Sarraf. **Astúcias da Memória: Identidades Afroindígenas no corredor da Amazônia**. Revista Tucunduba – Arte, Cultura em Revista, Belém: Universidade Federal do Pará, v.01, nº02, 2011.
- KOCH. Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.
- PCN (Bases legais/ensino médio), **Parte II, Linguagens, códigos e suas tecnologias**, 2000.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Ed.23. São Paulo: Cortez 2007.
- SOUZA, Raquel. **Memória e imaginário**. In: BERND, Zilá (Org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis. 2010. p. 247-268.
- SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. 3 Ed. São Paulo: Martin Claret, 2012. (Coleção a obra-prima de cada autor).

## **SOBRE AS AUTORAS**

**Monise Saldanha** - Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS/ 2021. Mestra em Educação (UEPA, 2017). Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária: Teoria Literária (UEPA, 2014). Especialista em educação para as Relações Étnico-raciais - ERER - IFPA (2014). Licenciada em Letras pela Universidade vale do Acaraú (2012). Têm experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística e Literatura, pesquisa principalmente temas ligados à Cultura e a Educação na Amazônia, como Poéticas Orais, Literatura Afro Brasileira e Literatura de Expressão Amazônica, Memória, História e Imaginário. E-mail: [saldanhanilson.ns@gmail.com](mailto:saldanhanilson.ns@gmail.com) (<https://orcid.org/0000-0002-8603-7327>)

**Amanda Pereira Nunes** - Graduada em Língua Portuguesa – Licenciatura Plena, pela Universidade do Estado do Pará – UEPA.